



## RESENHA

### **20** *As conveniências do fixo com o flutuante*

*ORTIZ, Renato; MICHETTI, Miqueli; NICOLAU-NETTO, Michel.*

*Distinção e Globalização. São Paulo: Fino Traço, 2023, 170 p.*

*Edson Farias<sup>1</sup>*

1. Edson Farias é pesquisador do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Professor do PGSOL/UnB (Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília) e do PPG em Memória: Sociedade e Linguagem da UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia). Líder do grupo de pesquisa Cultura, Memória e Desenvolvimento (CMD/UnB). Coordenador do Comitê de Pesquisa em Sociologia da Cultura da SBS. Membro do Comitê de Patrimônio e Cultura Brasileiro da ANPOCS. Editor da revista Arquivos do CMD. ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8296375817062543>. ORCID: 000-0002-9406-3269.



Durante a década de 1990, a globalização obteve ampla visibilidade mundo afora. Este é o momento quando o tema se fixa entre as agendas de pesquisas e debates na academia, no compasso da importância adquirida pelo elo estabelecido entre os interesses e estratégias das corporações empresariais privadas transnacionais com os aportes das tecnologias de comunicação digital-cibernéticas. Em grande medida, nos âmbitos sociopolíticos, mas também naqueles de reconhecimento/legitimação de bens simbólicos – ambos até então fortemente concentrados no Estado –, a consolidação das coordenadas do regime global das relações sociais foi apreendida como espécie de ameaça incontornável à permanência da nação como unidade primordial de pertencimento, logo, como referência decisiva às identidades pessoais e coletivas no conjunto do planeta integrado pelo sistema internacional.

Na assonância dessas vozes, a globalização deixaria em xeque, justamente, o tramado semântico nacional; estaria em suspenso o entretido de concepções, classificações, códigos, enfim, o repertório de insumos simbólicos mobilizados nas dinâmicas comunicativas. Seria inevitável uma ruptura semiótica seja nas interações, seja no plano institucional, porque a dissolução da nação repercutiria nos mapeamentos cognitivos com os quais as agências se

orientam, classificam e nomeia a si, aos outros e aos ambientes; procedimentos efetivando em escolhas e em condutas que se tornam recursivas. No pano de fundo estaria o hiato provocado pelo descolamento do monopólio da imputação do sentido legítimo em relação ao emprego do uso da força física exercido pelo Estado. Em última instância, a situação instaurada com a globalização conduziria à interrogação sobre a autoridade capaz de respaldar as designações: descolados da soberania estatal, os repertórios semânticos não gravitariam, desprovidos de lastros, porque estariam carentes dos suportes institucionais enraizados no território sociopolítico em que se aninha a nação?

A dissolução do anteparo geopolítico do Estado-nação, enfim, impor a flutuação desmanteladora dos sentidos, das hierarquias, das diferenças, todas absorvidas pelos redemoinhos de um capitalismo já descompromissado totalmente da materialidade. A suspeita está à contrapartida do entendimento de que a característica expansivista da globalização, concretizada na intensidade acelerada dos trânsitos de pessoas, mercadorias, ideias, signos/imagens, técnicas, serviços etc., inviabiliza as chancelas. A premissa é simples: num regime de fluxos mundiais intensos, estariam diluídas as fronteiras. Desfeitas as molduras, as teias de significados, bem como os



trançados sócio-humanos que as retomam e atualizam nas circunstâncias dos seus agenciamentos, não somente se desencontrariam, mas faltariam os critérios capazes de lhes triar, hierarquizar e ajustar em arranjos significantes coerentes.

No somatório das suas desmesuras, a globalização iria se impor no centro de um dilema analítico, o qual teria por foco o problema em torno do espaço. Concebido numa perspectiva geométrica, então a dimensão espacial consiste na extensão abstrata, abaricante de todas as demais sem com elas se confundir. Enquanto uma universalidade irreduzível a qualquer particular, por sua vez, ao regime do global é atribuído o traço de absoluta exterioridade, sendo deste modo incompatível com as durações idiossincráticas e/ou com a contingencialidade dos lugares.

O livro *Distinção e Globalização* vai à contramão, justamente, de muitas entre as certezas de um senso comum que, nas últimas três décadas, estendido por discursos na academia, nos partidos políticos e outras instâncias da sociedade civil, mais também em canções, filmes, programas televisivos e outras expressões, sintetizam sentidos do cotidiano hoje em muito naturalizados como indissociáveis do que entendemos por mundo. A tarefa crítica de desnaturalizar os pré-construídos desse senso de reali-

dade é levada adiante pelo trio de autores – Renato Ortiz, Miqueli Michetti e Michel Nicolau Netto –, ao procurarem alternativas para o equacionamento do nexos cultura e economia no regime global das relações sociais. A chave analítica adotada toma de empréstimo a noção de distinção junto ao esquema de pensamento de Pierre Bourdieu, em especial atentam ao problema da composição do que o autor francês denomina de “capital simbólico”. A iniciativa de conjugar prioridades das sociologias econômica e das trocas simbólicas responde ao interesse de cercar e objetivar a silhueta das frações de classe que ocupam posições sociais identificadas como de “elites”. Para isso, atravessando uma ampla e heterogênea documentação referente aos estilos e modos de vida desses agrupamentos, eles se debruçam frente as maneiras de classificar/categorizar a si, aos outros e ao mundo, igualmente, os usos corporais e das coisas, mais também os enquadramentos pelos quais, por meio das percepções, estabelecem-se distâncias e proximidades, o “dentro” e o “fora” etc. Os esforços convergem com vista a cartografar traços inscritos no campo de poder contemporâneo, exatamente, o da globalização.

Se interessa aos autores, quando voltam ao tema do poder simbólico, o trabalho de esquecimento do arbitrário (próprio ao emprego da força) rea-



lizado no ato mesmo de conhecer/reconhecer, eles fazem correções no momento de aplicar a noção de capital simbólico. Há uma evidente seleção no empréstimo feito junto ao vocabulário bourdieusino. Insistir no problema em torno da formação do valor social pelo viés das condições de possibilidades sócio-históricas para existência e efeitos do discernimento entre o “raro” e o “vulgar”, não significa ratificarem à centralidade conferida por Bourdieu à díade “alta cultura” e “gosto puro” na composição deste tipo de capital. Afinal, nessa díade repercute um arranjo sociossimbólico bem específico à França da qual o sociólogo foi contemporâneo. Apesar do descarte dessa tônica, neste livro, ainda assim permanece a atenção na autoridade gozada por determinados atos de classificar e julgar a si e ao restante, distinguindo o legítimo, dando-lhe visibilidade, no movimento mesmo em que a fronteira cognitivo-moral traçada deixa de fora, no limbo da indiferenciação, os “comuns”.

O ajuste na ferramenta teóricoanalítica é estratégico para o encaminhamento do conjunto da argumentação no livro. Permite aos autores decompor e reagrupar para fins de síntese conceitual e interpretativa, como variados componentes geossimbólicos são alinhados em composições aptas a rentabilizar os investimentos financeiros feitos por frações de classe dominantes na compra de objetos de luxo,

na escolarização dos jovens e em viagens turísticas. Tendo por denominador comum a crença em uma ideia-força de cosmopolitismo tributário da competência para potencializar meios e com isso atender ao requisito moral da mobilidade/circulação pelos circuito das oportunidades de sucesso e prazer, os encadeamentos de atos são desvelados indissociáveis das lutas travada pela conquista de prestígio e que se manifestam nos mesmos usos, pois são também desempenhos de diferenciação como distinção. Nestes últimos, se fazem cúmplices as coordenadas elementares à existência do “mundo dos ricos”. Ou seja, a concentração de renda assegurada pela extraordinária desigualdade socioeconômica vigente no planeta, cujo seu inequívoco ícone é o tão restritivo quanto invisível clube de milionários, contracena com as práticas discursivas mágicas que metamorfoseiam as razões da escassez em fundamento natural da admiração pelos integrantes do seletto círculo dos que transitam por rotas e destinos tão herméticos quanto familiares. Assegurando-lhes segurança e discrição.

A familiaridade é proporcionada por um encadeamento técnico e profissional inscrito na gama de ramos de prestação de serviços em grande medida vinculada ao empresariado privado, mas sem abrir mão de infraestruturas e operações estatais. Mantida na penumbra, evitando os holofotes das mídias



e redes sociais, aos cenários familiares do mundo dos ricos, ainda que possam haver variações, são imprescindíveis os jatinhos particulares, os assentos na classe executiva nos voos, as cabines em cruzeiros marítimos com um número reduzido de passageiros, *risorts* ou hotéis fora do alcance da grande mídia turística, lojas com atendimento exclusivo, restaurantes sofisticados fora dos roteiros de fácil acesso, escolas que entrosam a unicidade do preparo para *business* com o apelo à diversidade cultural. Enfim, a despeito da parte geográfica do mundo onde estejam os usuários, a gama de serviços deve prover esses e outros indicadores de privilégio, incontornáveis para o desfrute da condição de prestigiados.

Derivado da perspicácia própria a uma fazer sociológico sensível à atualidade, igualmente insatisfeito com as conclusões por demasia crédulas nas certezas do senso comum, *Distinção e Globalização* proporciona aos/as leitores/as insumos para olhar com certo cuidado oposições fáceis, à maneira de global *versus* local/nacional. Sobretudo, por em suspenso certezas já razoavelmente sedimentadas, nas quais fluxo e fixidez são substancialmente opostos como semânticas conflitivas entre si. Ao fluxo, o apanágio cognitivo e moral da liberdade; já para o fixo é reservada a estigma da intransitividade. À luz dos quatro capítulos deste livro, fica-nos a lição de

como na expansividade global das relações sociais se erguem fronteiras e se delimitam flutuações, para as qualificar. Na mesma medida, fixa o valor e desvalor de pessoas, coisas, ideias etc.

